

DE MULHER PARA MULHER: AS ESTRATÉGIAS DE SUBJETIVAÇÃO EM PROGRAMAS FEMININOS. *Fabiana Santos da Silveira, Débora Furtado Cabral, Rosa Maria Bueno Fischer* (Departamento de Estudos Especializados, Faculdade de Educação, UFRGS).

O presente estudo insere-se no projeto “Subjetividade Feminina e Diferença no Dispositivo Pedagógico da Mídia”, cujo foco de investigação e análise está centrado sobre os modos de se constituir o feminino através da televisão brasileira, atentando para os enunciados e para os modos de endereçamento presentes em programas televisivos nos quais a figura da mulher seja proeminente. A partir da idéia de que o dispositivo pedagógico da mídia, especialmente a mídia televisiva, produz formas particulares de subjetivação da mulher, através de estratégias de linguagem que revelam o “feminino” em suas diferenças — de gênero, geração, etnia, condição econômica, social e cultural —, ao mesmo tempo que o definem como um “diferente” que precisa ser tornado público e controlado, buscou-se investigar quais as estratégias discursivas utilizadas pela mídia para constituir o sujeito mulher, atentando para as formas de feminilidade reforçadas, imaginadas, dinamizadas, polemizadas ou construídas por esta. Para tanto, associamos à prática investigativa uma perspectiva teórica direcionada ao conceito de subjetivação, de Michel Foucault, bem como ao conceito de diferença, proposto por Homi Bhabha. Através desse referencial teórico, associado à análise de imagens, textos e sons, foi feito o estudo comparativo de dois programas de TV dirigidos ao público feminino: “Meninas Veneno” (5 exemplares) e “Mais Você” (4 exemplares), veiculados pelas emissoras MTV e Rede Globo, respectivamente. Através desse exame, ainda em andamento, pode-se observar que esses produtos televisivos: a) produzem um insistente “convite” a que o universo feminino se exponha cada vez mais intensamente na cultura; b) fazem uso de diferentes estratégias para convidar as mulheres de diferentes idades e situação social a falarem de si mesmas; c) constroem um discurso sobre o sujeito feminino, em relação a um certo padrão de “normalidade”, ao mesmo tempo que tornam visível a afirmação (e controle) da mulher como um “diferente”. (CNPq – PROPESQ/UFRGS, CNPq).